

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

EVOCÇÕES DE TALAVERA DE LA REINA.

MORAN, César

Ano: 1951 | Número: 61

Como citar este documento:

MORAN, César, *Evocações de Talavera de la Reina*. *Revista de Guimarães*, 61 (3-4) Jul.-Dez. 1951, p. 406-415.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Evocações de Talavera de la Reina

PELO P.º CÉSAR MORÁN, AGOSTINHO

I— A Virgem do Prado e a Praça de Touros

À margem do caudaloso Tejo, descansando de sua jornada ultrabimilenária, circundada de encantadores e férteis pomares, os quais, semelhantes a esplêndidos adereços, a decoram e embelezam, assenta a formosa Talavera, meditando os fastos da sua história, rindo ou chorando, tal o destino da vida humana.

O Passeio do Prado, jardim que parece cuidado por mãos de fadas, é como que uma ponte ou traço de união entre a cidade e o Santuário da Virgem, de onde brotou, qual rebento novo, a praça de touros, famosa em seus anais. Os mais acendrados amores dos talaveranos são dedicados à Virgem e aos touros, amores enraizados no firme subsolo das gerações pretéritas. Ermida e praça surgem unidas, como mãe e filha que não querem separar-se. A ermida é uma bela pagã convertida ao Cristianismo; foi inicialmente templo de Ceres, de Palas ou de qualquer outra divindade feminina. Como os templos foram sempre frequentados pela multidão dos devotos, à beira dela congregavam-se os feirantes e os mercadores, para realizarem seus negócios, e ali, em honra dos deuses, eram celebradas festas cívico-religiosas, em que a juventude mostrava suas habilidades em diversos jogos — corridas, equitação, simulacros de lutas, pugilato, e ainda outros, menos honestos. Tal como em Espanha, isto mesmo tinha lugar no Egito, na Grécia, nas Ilhas do Mediterrâneo. Da Grécia, são universalmente conhecidas as Olim-

piadas, festas que se realizavam na cidade de Olímpia, em honra de Zeus ou Júpiter, em torno do seu templo, onde tiveram origem, chegando a revestir grandíssima importância em todos os sectores da vida social, política, intelectual e administrativa. Em Espanha, não era possível faltar, a par de quaisquer outras diversões, a luta do homem com o touro; trazêmo-la, como costuma dizer-se, na massa do sangue. Conta Estrabão que os iberos tinham um feitiço alegre e divertido, tudo celebrando a cantar, e que a sua festa favorita era a lide dos touros. Isso mesmo nos dizem também as moedas antigas e as pinturas rupestres. Nenhum taurólogo, portanto, poderá atrever-se a precisar quando, em nossa pátria, tiveram começo as corridas de touros, visto elas remontarem aos alvares da história.

Com a prègação do Cristianismo, e quando a maior parte desta região já havia aceiteado o Evangelho, o templo da deusa talaverana converteu-se em ermida ou santuário da Virgem. Mudado o culto, não mudaram porém os homens, nem as instituições, nem os costumes compatíveis com as novas crenças. Por isso ermida e praça de touros se tocam ainda hoje em amigável consórcio e boa vizinhança, e a seu lado tem lugar, desde tempos imemoriais, o concorridíssimo mercado de gados, separado daqueles edificios unicamente pela calçada romana que, por Trujillo, conduzia de Mérida a Toledo, e hoje está convertida em estrada de primeira classe, de Madrid a Badajoz. Recordações e ligações estas, que não conseguiram dissipar-se, no decorrer dos séculos.

A Universidade de Salamanca e, em geral, todas as velhas universidades surgiram das catedrais, ou seja, das escolas que as catedrais sustentavam. Do Santuário do Prado, em remota antiguidade, surgiu também a praça de touros, que de começo seria um campo raso, depois um cercado de estacaria, em seguida uns humildes taipais, e finalmente uma praça monumental.

O santuário começou por ser uma simples ara ou altar, destinado a libações e sacrificios, um pequeno recinto, *sacellum*, em que só penetravam os sacrifi-

cantes, e não a multidão, que permanecia no exterior. Triunfante a doutrina de Jesus Cristo, e consagrado o templo ao culto de Maria, muitas vezes ele se terá arruinado, e outras tantas houve de ser reconstruído, pela piedade dos fiéis, chegando mesmo a ser designado a «rainha das ermidas», conforme a expressão de Filipe II, na sua viagem a Talavera.

Durante o domínio romano, certos magistrados regulavam as festas religiosas e os jogos, como coisa inseparável, em honra da divindade; e assim, as leis de Osuna determinavam que os edis realizassem festas e jogos por três dias; que os duúnviros concedessem, durante a sua magistratura, quatro dias de festas e jogos, em honra de Júpiter e dos outros deuses e deusas. «Era obrigação dos Séviros Augustais celebrarem periódicamente certos sacrifícios, darem espectáculos públicos e fazerem distribuições de víveres ao povo» (Hinojosa). Quer isto dizer que os jogos eram considerados como algo de integrante, de inseparável da religião.

Com o advento do Cristianismo separaram-se as duas funções, ficando a religião nas mãos dos sacerdotes, sem que estes todavia abdicassem por completo da jurisdição que ainda lhes pudesse caber nos jogos, pelo menos nas lides de touros, nas quais nunca deixaram de intervir, como a história nos mostra. Até data avançada dos tempos modernos, as corridas de touros em Talavera, com todos os seus preâmbulos e consequências, ainda eram organizadas pelos cônegos da Colegiada, de acordo com o Município, ora alternando nessa missão as duas entidades, ora actuando conjuntamente, e por vezes também com violentas discussões de permeio entre o poder espiritual e o temporal.

Segundo nos conta D. Idefonso Sanchez na sua *História de Talavera*, no século XVI, eram um cônego e um regedor os encarregados de escolher e comprar os touros que se haviam de correr nas solenidades de quinta-feira, sexta, sábado e domingo seguintes ao domingo de Pascoela. A chave do touril era guardada alternadamente, um dia pelo cônego, outro dia pelo regedor. Em cada corrida lidavam-se onze touros, que obrigatoriamente deviam ser pagos pelo

Deão, pelo Cabido, Câmara, Mordomo da Vila e pelos diferentes grêmios, de tecelões, carniceiros, oleiros, etc. As corridas tinham lugar na praça da ermida, isto é, no mesmo sítio actual, onde já se vem realizando desde o tempo dos Celtiberos.

Ainda havia uma outra corrida, cujos touros eram pagos cada qual por uma das paróquias. Santa Leocá-



Fig. 1 — A ermida do Prado, vista da praça de touros.

dia, a velha paróquia, essa, pagava o touro do *lenho*, assim chamado pelo costume que havia de um cônego e um regedor solicitarem dos paroquianos, no dia da Ressurreição, um certo número de carros e de cavalos para transporte da *lenha* dos montes, destinada ao hospital da Virgem do Prado. No monte celebrava-se missa dedicada aos lenhadores. Em segunda e terça-feira de Páscoa transportava-se a lenha, que en-

trava pela porta de Mérida, dirigindo-se à ermida do Prado, acompanhada pelo clero das paróquias, de cruz alçada, pelos mestres e crianças das escolas, e por numeroso público. Após a corrida, cada paróquia conduzia, numa carreta, o seu touro morto e degolado, a fim de a carne ser distribuída pelos hospitais, clero, munícipes e pobres. A que sobrava, dava-se a quem a pedia. A última entidade a fechar o cortejo, como de maior categoria, era a Colegiada, cujo Cabido tinha de ir a cavalo.

Abdicaram os eclesiásticos da sua interferência nas corridas de touros, actualmente monopolizadas pelo poder civil; só o público não variou, rezando diariamente aos pés da Virgem, nunca a abandonando, e divertindo-se durante alguns dias na praça, para admirar e aplaudir os ases do toureio, até os ver sucumbir, como aconteceu a Joselito.

II—As Mondas

A palavra Mondas, do latim *mundus*, parece que significa açafate de Ceres, *mundus Cereris*, açafates sagrados de Ceres, com tudo quanto continham dentro (Apuleyo). Todos os dicionários de certa extensão se referem às Mondas de Talavera. O de Salvá (Paris, 1863) diz: «*En Talavera de la Reina es una especie de manga grande de parroquia, que los pueblos circunvecinos conducen en carro, adornada de cera, y la ofrecen ante la imagen de Nuestra Señora del Prado. Usado en plural, significa las fiestas públicas que se celebran con dicho motivo.*» A mesma coisa dizem, pouco mais ou menos, o dicionário da Real Academia, o de Calleja, o de Espasa e o de Casares. Por aqui se vê que os lexicólogos consideram a palavra digna de ser conhecida de todos os leitores em geral.

As Mondas ou mundas, *puras*, são efectivamente oferendas dedicadas à Virgem do Prado, assim chamadas talvez porque as oferentes, espécie de vestais, deveriam estar *mundas*, limpas, reminiscência das velhas sacerdotisas que ofertavam à divindade precursora da Virgem, anteriormente ao Cristianismo. Essas ofertas não foram interrompidas: transforma-

ram-se, apenas, cristianizaram-se, por assim dizer. Em todas as religiões, sempre existiram sacrifícios e oferendas para aplacar a divindade ofendida pelo pecado do homem, isto como voz da natureza e lembrança da cena do Paraíso. Como tais oferendas eram compatíveis com a mudança de religião, perseverou o costume estabelecido.

A primitiva divindade de Talavera não devia ter pertencido aos *dís menores*, ou locais, mas seria alguma daquelas cujo culto se estendia por um dilatado território. Talvez por isso mesmo não tivesse sido substituída por qualquer santa de categoria secundária, Santa Catarina, Santa Inez, etc., mas sim pela primeira de entre todas, a Virgem Maria. Razão pela qual as ofertas não provinham somente da região de Talavera, mas concorriam de muitas províncias de Espanha, cujos portadores acampavam em frente ao templo do Prado, permutando os seus produtos durante a semana de Páscoa, e continuando assim costumes ancestrais, semelhantes aos que se praticavam em Olímpia, junto ao templo de Zeus. De entre as várias regiões, acudiam os povos de Alcarria, que ofereciam favos de doce mel, os da Mancha, que traziam queijos e ânforas de leite, e os da Estremadura, que apresentavam ricos embutidos; em suma, cada região era portadora daquilo que de mais precioso possuía. Estas oferendas já tinham raízes num costume tradicional pagão (1). Nada foi preciso, portanto, inventar; bastou adaptar o existente ao culto da Hiperdulia, que a Igreja manteve sempre pela Mãe de Deus.

No decorrer do tempo estas singelas homenagens foram rareando, até ficarem reduzidas à Comarca

(1). Conserva-se em Talavera um simulacro de falsa divindade. É um pedregulho chamado a *Cabeça do Mouro*, que se encontra cravado, como um silhar, numa das torres da muralha, escultura do tipo dos *Touros* de Guisando, que abundam nesta terra toledana. São bem conhecidos os varrões ibéricos de Torralba; não tanto o de Alcoba, um outro de Sotocochinos, modernamente a chamada Casablanca, e o do Castelo de Bayuela. Tais simulacros são considerados deuses dos criadores de gado. Abundam em Zamora, Salamanca, Ávila, Madrid, Toledo, Estremadura, e em Portugal.

de Talavera, isto é, aos povos que dependiam da sua jurisdição e senhorio. Reunidos no primeiro dia de Páscoa, nomeavam o Mordomo das Mondas, nomeação que recaia no indivíduo mais velho entre os do povo que primeiramente chegasse a Talavera com a sua oferenda à Virgem. O Mordomo, a cavalo, e vestido à maneira do antigo uso, dirigia-se, à frente dos representantes das várias localidades, para a porta de Mérida, pela qual faziam todos a sua entrada solene na povoação. Seguido da sua comitiva, batia, de cima do cavalo, à porta da Câmara. Para esse efeito já se encontravam as aldravas à altura precisa para quem ia montado. O Alcaide da Vila recebia com todas as honras os forasteiros, e, juntos, tomavam o caminho da Igreja das Ildefonsas ou Agostinhas; dali, com cruz alçada, os agrupamentos de todas as paróquias presentes seguiam pela Corredera, Praça Maior, rua de S. Francisco, bairro da Trindade, Passeio do Prado até ao cruzeiro. Em todas as igrejas do percurso repicavam os sinos, incluindo o do relógio da Vila. No cruzeiro, o Mordomo, sempre a cavalo, assistia e tomava conhecimento da mudança de autoridade, que passava do Alcaide de Talavera para o de Gamonal, assumindo este a representação da comarca e da Vila durante as horas da cerimónia. Marchavam depois todos para a ermida, o Mordomo à frente, abrindo o cortejo a cavalo; atrás dele o clero, com seus guiões, os portadores das Mondas e o povo, formando uma verdadeira procissão. Percutia o mordomo uma aldravada, sempre sem appear-se (para o que os ferrolhos estavam também a respeitável altura), e, aberta a porta, entravam todos: o Mordomo a cavalo, até ao momento de ajoelhar-se ante o altar da Virgem, os restantes a pé, e ali ofereciam suas Mondas à Rainha dos Céus, entoando cânticos devotos, que ressoavam do coro, situado aos lados da capela-mór.

Concluída a cerimónia e reunidos todos diante da ermida, sempre sob a presidência do Mordomo, procedia-se novamente à mudança de atribuições de autoridade entre os Alcaldes, numa tribuna que desapareceu no tempo das invasões francesas. Seguidamente tinha lugar a corrida do touro, à corda,

do qual resta a lembrança ligada ao nome de uma das ruas.

Tais eram as Mondas nos séculos passados, segundo a descrição contida na já citada *História de Talavera*.

De cada vez com menor aparato, é certo, mas ritualmente, constantemente, desde tempos imemoriais se vinham oferecendo as Mondas à Virgem, até



Fig. 2 — Procissão das Mondas. Carrinho puxado a dois carneiros, em que o povo de Gamonal apresenta a sua oferenda à Virgem.

ao ano de 1919, data em que deixaram de efectuar-se. Recomeçaram em 1925, por iniciativa da Câmara talaverana de então. Em 1932 foram proibidas pela Câmara republicana, desaparecendo nessa altura o carrinho em que os de Gamonal, desde há muitos anos, traziam a sua oferenda à Virgem; e desapareceu por motivos fáceis de compreender, durante essa malfadada e vergonhosa república. Após a libertação de Talavera, em 1937, Gamonal, cujo povo foi sempre o mais constante, renovou o costume, para o que a Câmara de Talavera mandou construir outro carrinho igual ao anterior. As autoridades de Gamonal continuam hoje a apresentar a sua oferenda de cera virgem sobre aquele pitoresco carrinho, puxado a dois carneiros

brancos, que parecem caminhar orgulhosos do papel que desempenham. O veículo é revestido de tomilhos e giestas, pomposamente adornado e coberto de lindas flores que a risonha primavera faculta, engalanado com bandeirinhas de cores garridas, tudo disposto com a mais pura devoção e com a melhor vontade deste mundo. A Gamonal se vêm jun-



Fig. 3 — Procissão das Mondas. Meninas da Falange, com açafates de flores e pombas para oferecerem à Virgem do Prado.

tando outros povos, como Casar del Ciego e Velada. Em anos sucessivos tem acudido também Mejorada, que oferece à Virgem a imitação em cera de uma corrida de touros. Últimamente comparece por sua vez o povo de Pepino, com seu tributo à Virgem do Prado. São os Alcaides e clero destes povos os que respeitam e mantêm a tradição. A secção feminina da Falange talaverana dá também a sua adesão à homenagem, conduzindo pombas e açafates de flores.

EVOCÇÕES DE TALAVERA DE LA REINA

Por vezes alguns destes povos, em lugar de cera ou de produtos da terra, oferecem uma quantia em dinheiro, que entregam ao representante do Município junto da Irmandade do Prado.

As autoridades dos povos oferentes continuam a reunir-se da mesma forma na Câmara, e daí se encaminham pela rua da Companhia às Agostinhas, onde se junta o clero, cantando as litanias dos santos, com cruz alçada, seguindo depois o itinerário tradicional. Penetram no templo do Prado, aos acordes do órgão, e o capelão com os confrades da Irmandade recebem então as Mondas, cantando-se uma Salve-Rainha. A entrega faz-se na presença dos Alcaldes de Talavera e de Gamonal, este acompanhado dos povos a que preside, trocando para o acto a vara da sua autoridade com o de Talavera.

Concluída a cerimónia, todos os adornos das Mondas são distribuídos pelos assistentes que os levam consigo como piedosa recordação.

A festa, que para os talaveranos constitui motivo de regozijo, celebra-se na terça-feira de Páscoa, no mês de Abril, que era o tempo em que os pastores e criadores de gado faziam também suas oferendas à deusa Ceres, para que ela se mostrasse abundante e pródiga em bens da terra.

Posto que simplificada e reduzida, hoje em dia, a um acto simbólico, a cerimónia das Mondas contém em si os vestígios de uma tradição multiseccular, digna do maior respeito e carinho, como acto cívico-religioso que, desde a sua origem, sempre tem sido.

A Câmara de Talavera esforça-se, na melhor das intenções, por dar incremento a este costume tão típico, tão inocente, tão popular e de tão remota ascendência, merecendo por isso os aplausos de toda a gente honrada.